

Katya Helaine Silva



**A IMAGEM NO OLHAR CONTEMPORÂNEO:  
Uma proposta de ação pedagógica no Ensino de Arte**

Belo Horizonte  
2015

Katya Helaine Silva

## **A IMAGEM NO OLHAR CONTEMPORÂNEO:**

### **Uma proposta de ação pedagógica no Ensino de Arte**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

BELO HORIZONTE  
2015

Silva, Katya Helaine, 1968.

A imagem no olhar contemporâneo: uma proposta de ação pedagógica no Ensino de Arte/Katya Helaine Silva – 2015. 40 f.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Maurílio Andrade. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

Katya Helaine Silva

**A IMAGEM NO OLHAR CONTEMPORÂNEO: Uma proposta de ação pedagógica no ensino de arte.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Maurílio Andrade Rocha

---

Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha – EBA/UFMG

---

Profa. Dra. Mariana de Lima e Muniz – EBA/UFMG

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha

Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

BELO HORIZONTE  
2015

Dedico este trabalho a minha mãe, ao meu pai e  
em especial, as minhas irmãs Nice e Rosane.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao orientador, Maurílio Andrade Rocha, pela serenidade e profissionalismo, indispensáveis à finalização deste trabalho.

Especialmente aos professores do curso que contribuíram muito com suas aulas para que eu concluísse a pesquisa com esperança na Educação.

A todos os coordenadores e tutores e funcionários do Curso de Especialização de Ensino em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais.

Aos colegas de classe, pela acolhida e alegria, em especial, a Ivanildo leite, companheiro nesta caminhada.

Às nossas famílias pela compreensão da ausência e finalmente, a DEUS, semente inicial de qualquer projeto.

*“O olho vê, a lembrança revê, e a  
imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.”*

*Manoel de Barros*

## RESUMO

O instrumento de ensino de ensino/aprendizagem em Artes Visuais é a imagem. Porém, com o excesso de informação, estas imagens expostas à exaustão, seja na mídia televisiva, nas redes sociais, outdoors ou até mesmo em fachadas de prédios, estão perdendo sentido, tornando-se uma questão-problema no mundo contemporâneo. A produção e veiculação de imagens é acessível a todos, mas serão elas capazes de fixar nosso olhar? Para abordar e discutir tal problema, esta pesquisa propõe abrir uma janela para a paisagem urbana que permita, por meio do Ensino da Arte e da educação do olhar, novas formas de ver e de ressignificar imagens. Nesta paisagem foi escolhida como objeto de estudo a escultura “Monovolume: liberdade em equilíbrio” da artista Mary Vieira. A metodologia de pesquisa pautou-se pela exploração de três eixos temáticos: escultura/autor/estilo; imagem/leitura/produção; paisagem/fluxo/intervenção, amparados por trabalho de campo, registros gráficos e fotográficos, entrevistas e questionários. Apesar de não ter sido efetivada a proposta, ao final da pesquisa são feitas algumas considerações e possibilidades reais de aplicação e possíveis desdobramentos da pesquisa.

Palavras-chave: Imagem. Ensino de Arte. Paisagem urbana. Educação do olhar. Visibilidade. Mary Vieira. Educação Patrimonial.

## Abstract

The instrument of teaching education/learning in Visual Arts is the image. However, with the excess of information, these images exposed to exhaustion, in television medium, on social networks, billboards or even in facades of buildings, are losing direction, becoming an issue-problem in the contemporary world. The production and divulgation of images is accessible to all, but they will be able to fix our gaze? To address and discuss this problem, this study proposes to open a window for the urban landscape that allows, through the teaching of art and the education of the gaze, new ways of seeing and signify images. In this landscape was chosen as object of study the sculpture "Monovolume: liberdade em equilíbrio" of the artist Mary Vieira. The research methodology was guided by exploitation of three thematic axes: sculpture/author/style; image/reading/production; landscape/flow/intervention, sustained by field work, graphic and photographic records, interviews and questionnaires. Despite not having been effected the proposal, the end of the research are made some considerations and real possibilities of application and the possible repercussions of the search.

Keywords: Image. The teaching of art. The urban landscape. Education of the gaze. Visibility. Mary Vieira. Heritage Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Paisagem 1 .....	17
FIGURA 2 – Paisagem 2 .....	17
FIGURA 3 – Vista Aérea.....	24
FIGURA 4 – Max Bill.....	26
FIGURA 5 – Monovolume.....	27
FIGURA 6 – Liberdade em Equilíbrio .....	27
FIGURA 7 – O Olhar do Estrangeiro .....	36
FIGURA 8 – O Olhar do Estrangeiro .....	36
FIGURA 9 – O Olhar do Estrangeiro .....	36

## **LISTA DE SIGLAS**

CCBB/SP - Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo

IAB/MG - Instituto de Arquitetos do Brasil – Minas Gerais

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	10
LISTA DE SIGLAS .....	11
Introdução.....	13
1. Ver a Paisagem .....	16
2. Ler o Objeto .....	24
3.1 Algumas Reflexões.....	32
3.2.1 Etapas da produção.....	37
3.2.2 Embasamento teórico e construção de projeto .....	37
3.2.3 Materialidade .....	37
3.2.4 Procedimentos para a construção das esculturas e exposição.....	37
Considerações Finais .....	39
Referências.....	40

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se mistura um pouco com minha trajetória pessoal que começa ao vir do interior de Minas Gerais para Belo Horizonte com o objetivo de cursar a faculdade de Belas Artes. Após concluir o curso, trabalhei alguns anos com restauro de arte sacra em algumas igrejas barrocas mineiras, despertando em mim a consciência e o sentimento de preservação do patrimônio. As idas e vindas para a capital, com acesso pela rodoviária, colocaram-me neste papel de **viajante**, que traz um olhar atento para as coisas do caminho. Portanto, a escolha da obra de Mary Vieira foi fundamental nesta pesquisa, por ser um elo que conecta vivências pessoais e profissionais. O fio condutor desta pesquisa é a busca por este **olhar do viajante** ou do **olhar estrangeiro** que possibilite a percepção daquilo que está presente em nós e em nossa volta, mas que não conseguimos **enxergar** – aguçar e educar o olhar para filtrar **imagens** que nos tragam significações e ressignificações.

Levando-se em consideração que o Ensino de Artes Visuais está diretamente ligado ao mundo das imagens e da sua percepção, investigaremos aqui seus usos atuais. O mundo contemporâneo está saturado delas, produzidas, reproduzidas e veiculadas incondicionalmente, ultrapassando fronteiras físicas e virtuais. Num piscar de olhos um mundo de coisas e informações se colocam a nossa frente e ao mesmo tempo que trazem algo de novo, tamanha a velocidade que chegam, tornam-se *invisíveis* e não nos preenchem o vazio que isto provoca.

Diante disso, algumas reflexões acerca do ensino de arte tornaram-se evidentes, pois se a imagem é fundamental para o ensino de arte, como torná-la *visível*? Que recortes seriam necessários para isolá-la enquanto objeto de estudo e conseqüentemente trazê-la para um mundo real, onde fosse possível fazer sua(s) leitura(s)?

Porém, “Se o olhar contemporâneo não tem mais tempo”, como diz Nelson Brissac (1996, p.179), temos que mudar a forma de ver, construir um novo olhar sobre as coisas e a cidade, reencontrar em suas paisagens objetos de valores significativos, perdidos em meio ao caos. E pensando na

imagem, materializou-se a ideia de tratar nesta pesquisa de uma proposta pedagógica em arte que contemplasse ações no sentido de reeducar o olhar e tornar visíveis obras de arte invisíveis na cidade de Belo Horizonte.

Um recorte na paisagem foi feito e a obra escolhida para estudo foi a escultura Concreta da artista Mary Vieira – Monovolume: liberdade em equilíbrio, de 1982. A escolha se deu por ser uma escultura localizada entre a rodoviária e o início da principal avenida da Capital, a Afonso Pena e da percepção do quanto esta obra está exposta a todo tipo de intempéries e maus-tratos. É uma obra invisível aos olhos dos passantes, muitas vezes usada inapropriadamente, como suporte para vandalismos e abrigo para moradores de rua.

Outro ponto seria investigar como o Ensino de Artes Visuais pode contribuir na preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da região central de Belo Horizonte, representado por seu acervo escultórico.

O objetivo principal desta pesquisa é criar uma proposta de ação pedagógica de ensino/aprendizagem em Arte Visuais que possibilite além da identificação dos códigos visuais da obra relacionada, fomentar o diálogo, o conhecimento de si mesmo e a percepção do que o conecta com seu meio, promovendo então, a identificação e valorização de suas heranças culturais.

No primeiro capítulo, à luz do referencial teórico, apresentarei uma reflexão acerca da imagem e do olhar do indivíduo/observador, sua relação com a cidade, com o que nela existe e no próprio olhar com o do outro. Serão abordadas questões sobre a invisibilidade das coisas, consumo e descartabilidade das imagens. Trará o enxergar como problema e a uma reeducação do olhar como possível proposta de ação pedagógica.

No capítulo 2 contextualizarei a artista, a obra e a proposta pedagógica, com informações básicas sobre local, data, objetivos e processos.

No terceiro capítulo, separado em eixos temáticos, farei uma análise do estudo de caso a partir da proposta pedagógica, considerando-se obter respostas e probabilidades sobre a imagem e o olhar contemporâneo.

Por fim, o presente trabalho trará algumas reflexões sobre o processo desenvolvido e possíveis desdobramentos da ação proposta, situando a cidade e a arte como cenário, onde os *autores da trama* – professor e aluno – tornem-se agentes de suas próprias mudanças e sujeitos críticos e conscientes da capacidade de interferir positivamente na cidade.

## 1 – VER A PAISAGEM

Nunca a questão do olhar esteve tão no centro do debate da cultura e das sociedades contemporâneas. Um mundo onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema. Aqui não existem mais véus nem mistérios. Vivemos no universo da sobreexposição e da obscenidade, saturado de clichês, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens foi levada ao extremo. Como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando tudo parece a mesma coisa? (PEIXOTO, 1988, p. 361)

Como podemos ler na epígrafe acima, Nelson Brissac Peixoto nos coloca diante de um paradoxo onde ao mesmo tempo em que “tudo é produzido para ser visto”, não conseguimos enxergar, o ver tornou-se um problema, a visão ficou turva, desfocada pela saturação das imagens. Ele ainda nos desafia: “como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando todo parece a mesma coisa?” (Idem, 1988, p. 361). Como buscar recursos e quais seriam estes para nos fazer enxergar novamente? Filtrar do indistinguível, formas de voltar a ver? E ver pressupõe fazer leituras e decodificações da paisagem onde estamos inseridos seja ela real ou virtual. E falar em leitura pressupõe abordar, necessariamente, educação - uma educação do olhar, que tenha a paisagem urbana como cenário e a arte como objeto a ser decodificado.

A paisagem, tratada aqui como cenário, tem como personagem alguém que corre às cegas contra o tempo.

O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em constante movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido [...] a velocidade provoca, para aquele que avança num veículo, um achatamento na paisagem [...] O mundo se converte num cenário, os indivíduos em personagens. Cidade-cinema. Tudo é imagem. (PEIXOTO, 1988, p. 361).



Figura 1 – Paisagem 1



Figura 2 – Paisagem 2

As figuras 1 e 2 mostram o achatamento da paisagem. Foto retirada do interior de um veículo em movimento provocando uma distorção da imagem causada pela velocidade. Foto do autor.

E esta imagem, repetida infinitas vezes, cotidianamente banalizada, torna-se desnecessária e descartável, servindo simplesmente como um veículo para propagação do consumo de coisas. Para o sociólogo Zygmunt Bauman<sup>1</sup>:

Os editores de revistas de amenidades percebem o impulso do tempo: informam regularmente os leitores sobre coisas "para fazer" e "ter" a todo custo, dão-lhes conselhos sobre aquilo que é *out* e, portanto, descartável. O nosso mundo lembra cada vez mais a "cidade invisível" de Leônia, descrita por Ítalo Calvino (1990), onde "mais do que as coisas que a cada dia são fabricadas, vendidas e compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que a cada dia são jogadas fora para dar lugar às novas". A alegria de livrar-se das coisas, de descartar e eliminar é a verdadeira paixão de nosso mundo. (BAUMAN, 2009)

Porém, o vazio e o esgotamento que isto provoca, somando-se a uma visão distorcida pela percepção em movimento, influencia diretamente na

<sup>1</sup> “Zygmunt Bauman (Polônia, 1925). Sociólogo, catedrático emérito de Sociologia nas Universidades de Leeds e Varsóvia, autor de diversos ensaios, entre os quais se encontram: *Globalização: as consequências humanas* (1999), *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria* (2008), *Em busca da política* (2000), *Modernidade líquida* (2001), *Vidas desperdiçadas* (2005). Seus trabalhos contribuíram para a edificação de um complexo e completo instrumental conceitual em torno da sociedade moderna. Embora seja frequentemente mencionado como um pensador "pós-moderno", seus livros não representam uma visão entusiasmada do pós-modernismo; aliás, ele se distancia da separação dicotômica modernidade versus pós-modernidade, argumentando que ambas as configurações coexistem como os lados de uma mesma moeda. Para dar conta desse fenômeno, cunhou os conceitos de "modernidade sólida" e "modernidade líquida".” PORCHEDDU, Alba. *Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida*. Cadernos de Pesquisa, vol. 39 no.137, São Paulo Mai/Ago 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742009000200016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000200016) Acessado em 30 de set. 2015.

maneira de olhar do indivíduo/observador, sua relação com a cidade, com o que nela existe e no próprio olhar com o do outro. A cidade vai tecendo histórias indecifráveis, invisíveis. Educar o olhar, por meio do ensino da arte, seria então, pesquisar modos de ver a paisagem, de decifrar o enigma da imagem que se tornou emblemática na visão contemporânea.

Para Ana Mae Barbosa,<sup>2</sup> “dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.” Para ela, a arte traz crescimento pessoal e cultural, desenvolve a imaginação e a consciência crítica, possibilitando a análise de situações e mudando criativamente a realidade. Diz ainda: “a arte capacita ao indivíduo a não ser um estrangeiro em seu ambiente ou em seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence”. (BARBOSA [2015])

Para Ana Mae, o estrangeiro seria aquele que percebe o mundo com estranhamento, que desconhece o próprio meio e sua cultura.

Mas para Nelson Brissac, o que interessa é justamente esse olhar do estrangeiro, aquele que chega com o olhar atento a todos os detalhes da paisagem, que se delonga na observação investigadora das coisas e das pessoas do lugar:

É a questão que atravessa, nos últimos anos, o pensamento e a arte contemporâneos: a perda de sentido das imagens que constituíam a nossa identidade e lugar. Daí o recurso *ao olhar do estrangeiro* [...] aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. (PEIXOTO, 1988. p. 363)

Qual deve ser então o papel do ensino da arte neste cenário? Como resgatar esse **olhar estrangeiro** do educando? Primeiro é preciso encontrar o objeto artístico, aquele que de alguma forma se mantém presente em nosso imaginário ou literalmente, em nosso caminho e isto demanda pesquisa e envolvimento tanto do arte-educador quanto do aluno. Como encontra-lo? Para Ana Mae “Arte/educação é epistemologia da arte

---

<sup>2</sup> BARBOSA, Ana Mae. Arte, Educação e Cultura. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>>. Acessado em 16 de jun. 2015.

como pressuposto e como meio, são os modos de inter-relacionamento entre arte e o público, ou melhor, a intermediação entre o objeto de arte e o apreciador.” (BARBOSA, 2010, p.33)

Mas como enxergar o nosso objeto de análise se a velocidade e as **imagens/clichê** nos tornaram cegos na metrópole?

“As imagens podem fazer o cego ver? O cego vê o que não se pode ver, o invisível. O vento, as paisagens do passado, um rosto desarmado de quem sabe não estar sendo visto. Visão daqueles que fecham os olhos para ver.” (PEIXOTO, 2004, p. 38). A visão do cego torna-se uma metáfora e nos remete, segundo ele, ao vidente: “aquele que enxerga no visível sinais invisíveis aos nossos olhos profanos.” (2004, p. 40).

Se “a Arte/educação é epistemologia da arte como pressuposto e como meio”, como nos diz Ana Mae, entre arte e público deve haver uma forma de conexão que necessariamente se dará pela educação do olhar e conseqüentemente trará à luz, por meio da leitura, as imagens perdidas.

Para Analice Dutra Pillar (2014, p. 7) “Poderíamos começar considerando o que se entende por leitura. O que é ler? O que está implicado no ato de ler uma imagem, em especial uma obra de arte?” Pillar recorre à Maria Helena Martins: “os estudos acerca da leitura podem ser sintetizados em duas caracterizações – a leitura como decodificação mecânica e a leitura como um processo de compreensão.” (MARTINS apud PILLAR, 2014, p. 7) Estas duas caracterizações se inter-relacionam, pois a simples *decodificação* de uma imagem não traz compreensão, não existindo, portanto, leitura... continua-se *cego*.

E é praticamente impossível falar de leitura de obra de arte sem citar a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa que traz originalmente a proposta do Fazer Arte (ou Produção) e Leitura da Obra de Arte e Contextualização.<sup>3</sup> Trazer mecanismos de leitura, interpretação e produção, capazes de promover o conhecimento em arte:

---

<sup>3</sup> Com alteração nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997): Produção, Apreciação e Reflexão (da 1a a 4a séries) ou Produção, Apreciação e Contextualização (5a a 8a séries). Disponível em: < <http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>> acessado em 15-09-2015.

Para uma triangulação cognoscente, que impulse a percepção da cultura do outro e relativize as normas e valores da cultura de cada um, teríamos que considerar o fazer (ação), a leitura das obras de arte (apreciação) e a contextualização, quer seja histórico, cultural, social, ecológica etc. (BARBOSA, 1998, p. 92)

Segundo Analice Pillar em *As implicações no ato de ler* (2014, p. 8), “todas as definições do ato de ler implicam a existência de um leitor, de um código (objeto/linguagem) e de um autor.” Cita em seguida Gadotti que aborda a questão no texto “O que é ler?”:

Por meio do código linguístico, o autor comunica-se, em qualquer tempo e espaço, com o leitor. Esse código é normalmente representado pelo “texto”. Por isso, pra saber o que é ler, tenho que saber, antes de mais nada, o que é um texto e o que é compreender um texto. Texto vem do latim, *textus*, que significa “tecido, trama, encadeamento de uma narração, etc.”. De *texere*, tecer. Um texto é, portanto, algo acabado, uma obra tecida, um complexo harmonioso. (GADOTTI apud PILLAR, 2014, p. 8)

O ensino de arte possibilita a leitura deste texto, sua trama, sua gramática visual que tem como códigos a forma, a cor, a textura, o volume, que dão fundamento a uma narrativa da imagem que poderá ser investigada no seu contexto histórico, artístico, político, social, antropológico e/ou resgate de uma memória coletiva.

Mas se a imagem virou clichê<sup>4</sup> é preciso resgatar o olhar do vidente, que para Nelson Brissac, se dá quando:

“[...] a imagem passa a ser tão legível quanto visível [...] A visão – em vez do olhar, submetido ao visível – permite apreender o que não se pode mais ver. Tudo que foi soterrado pela civilização do clichê. (2004, p. 40).

E o instrumento que pode revelar este caminho, esta nova visão, é a arte/aprendizagem, que possibilita numa reeducação do olhar, a manifestação do invisível por meio do **fazer, apreciar e contextualizar arte**.

Quando Ana Mae fala da leitura visual e gramática visual, certamente ela fala desta visão, que vai além do olhar superficial, que percorre as

---

<sup>4</sup> “Expressão idiomática que de tão utilizada, se torna previsível. Desgastou-se e perdeu o sentido ou se tornou algo que gera uma reação ruim, algo cansativo em vez de dar o efeito esperado ou simplesmente repetitivo”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/clich%C3%AA/>> Acessado em 17-09-15.

postagens de leitura rápida das mídias sociais, das selfies ou das imagens publicitárias. Assim ela define:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Se aprendemos por meio das imagens, inconscientemente, então ao estudá-las ou apreciá-las, de maneira consciente, por meio de uma análise crítica e sensível, conectada às nossas próprias vivências, seremos capazes de filtrar estas imagens e retirar delas ou até mesmo, deletá-las do nosso repertório imagético. Deixar apenas aquelas que de alguma forma nos identificam e dialogam com nossa visão da paisagem e do mundo.

Mas “a leitura da obra de arte é de natureza diferente”, diz Analice Pillar (2014, p. 11), “a obra tem uma inventividade nitidamente superior à de qualquer outra imagem”. (PILLAR, apud AUMONT, 2014, p. 11). Portanto, interpretar seus códigos requer identificar também seu autor, o contexto em que ela foi criada, o ambiente onde se insere, sua razão de ser e estar ali; para Pillar “ler é atribuir significado [...] desse modo, uma leitura se torna significativa quando estabelecemos relações entre o objeto de leitura e nossas experiências de leitor.” (PILLAR, 2014, p. 11). Os personagens desta trama coexistem, dialogam e se complementam.

“A paisagem é um rosto e retribui o nosso olhar.” (PEIXOTO, 2004, p. 43). E para olhar este rosto e ser olhado por ele é preciso haver entendimento entre as partes, misturado a um querer olhar e aceitar ser olhado. Se o horizonte se perdeu nos altos muros e a arquitetura virou fachada, nossa forma de ver também se modificou. É preciso buscar na paisagem novas formas de olhar, de ressignificar, sendo a arte/imagem, neste caso, principal instrumento de mudança, sendo este o caminho – a educação do olhar pelo ensino da arte.

O ver nem sempre pressupõe uma visão direta e imediata, muitas vezes o artista necessita desviar o olhar da paisagem para perceber o sutil e como no mito da Medusa<sup>5</sup>, evitar a paralisia que um olhar sem poesia provoca.

Marly Ribeiro Meira, no livro organizado por Analice Pillar, (2014) ao abordar o mito da medusa em *Questão de Visibilidade*, (p. 102) cita o escritor Ítalo Calvino. Segundo ela, Calvino aponta propostas imprescindíveis para a literatura do próximo milênio, mostrando como ela (a visibilidade) define a relação do artista com sua obra:

“[...] Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra; mais ou menos avançada, segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa.” (CALVINO apud MEIRA, 2014, p. 102).

Segundo Meira, para Calvino, Perseu personifica o artista: “Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada do espelho [...]”. (p. 102).

Ainda sobre esta questão do olhar e da visibilidade, Nelson Brissac, em entrevista à Folha de São Paulo,<sup>6</sup> traz uma proposta otimista, onde ele acredita que seja possível encontrar formas de modificar o olhar do cego e a dispersão do olhar contemporâneo sobre a paisagem urbana:

Aposto num olhar de dentro da cidade, não num olhar que se afasta dela. Trata-se de fazer do olhar cego e do olhar perdido pelo movimento formas de reconhecimento e de saber. O cego nos ensina a apalpar as coisas, o perdido nos ensina novos caminhos. (1994)

Parafraseando Brissac, diria: um **novo olhar para velhos caminhos** - novas formas de ver, apreender, produzir e compartilhar. Uma proposta de ação pedagógica para o ensino de artes visuais, que possibilite a construção desse novo olhar, aberto a percepção da paisagem de maneira crítica e construtiva, buscando na arte referenciais que fomentem diálogos

<sup>5</sup> Medusa já fora uma linda mulher, porém quis competir com a deusa Minerva, que a puniu transformando seus lindos cabelos, em serpentes. Medusa tinha um aspecto tão assustador que qualquer um que olhasse para ela se transformava em pedra. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/mitologia/perseu-medusa.htm>> Acessado em: 26 de abril 2015

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1994/04/17/101/>> Acessado em: 31 de ago. 2015

e corporifiquem o estar na cidade e devolva o sentido de pertencimento ao espaço. Esta é a proposta deste projeto.

Vendo a paisagem nos deparamos com o objeto: “Monovolume: liberdade em equilíbrio”, nome que intitula a escultura da artista Mary Vieira, obra que será abordada como recurso educativo nas próximas linhas deste trabalho.

## 2 – LER O OBJETO



Figura 3 – Vista aérea mostrando a localização da escultura Monovolume: liberdade em equilíbrio.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Pra%C3%A7a+Rio+Branco/@-19.9156467,-43.9410595,101m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x0000000000000000:0x841e1d7174d1bd90!6m1!1e1?hl=pt-BR>

Inspirada pelas reflexões apontadas no primeiro capítulo desta monografia e pela obra de Mary Vieira, neste capítulo apresentarei uma proposta pedagógica que desenvolvi para ser aplicada aos alunos do ensino médio da rede pública estadual de ensino, com o objetivo principal de tornar *visíveis* obras de arte *invisíveis* que fazem parte de seus roteiros cotidianos para a escola.

Para falar da obra de Mary Vieira, antes é importante conhecer um pouco de sua trajetória pessoal e artística. Os relatos de sua biografia falam de seu nascimento em São Paulo no ano de 1927 e criada no sul de Minas Gerais. Já em Belo Horizonte, inicia seus estudos de artes plásticas com Alberto da Veiga Guignard, na Escola do Parque em 1944<sup>7</sup>. Precursora do

<sup>7</sup> “Mary Vieira (1927-2001) nasceu em São Paulo e foi criada em Minas Gerais (Brasil). Estudou com Alberto da Veiga Guignard em Belo Horizonte. Em 1947, expôs no Salão dos Jovens Artistas Brasileiros, organizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, e, no ano seguinte, realizou as primeiras maquetes de uma obra dinâmica, na qual a experiência estética se integra de modo indissolúvel à participação direta e co-criativa do público. Em 1951, estabeleceu-se na Europa [...] Em 1953, Mary Vieira recebeu na II Bienal de São Paulo o Prêmio “Escultor Brasileiro” do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A convite de Max Bill, participou da última exposição do Grupo Allianz, em 1954 na Suíça [...]

Movimento Concreto e Neoconcreto no Brasil é reconhecida internacionalmente:

A partir de sua formação, iniciada em Belo Horizonte com Guignard e posteriormente na Escola de Ulm, na Alemanha, Mary Vieira empreende um percurso de profunda inovação, baseado numa síntese da arte concreta e de uma nova ênfase sobre a participação do espectador na criação da experiência estética, por meio de formas múltiplas. Através do tempo e do movimento Vieira desenvolve uma poética de valor internacional. Mudando-se para a Suíça em 1951, a artista percorre um caminho original e coerente, sendo hoje reconhecida em toda a Europa como uma das mais significativas representantes da arte cinética. (WOOZ, 2005)

Em 2005 o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP) realizou sua primeira exposição no Brasil:

*Mary Vieira – O Tempo do Movimento*, (grifo do autor) com a curadoria de Denise Mattar e a consultoria do ISISUF (Istituto Internazionale Studi sul Futurismo). A mostra [...] reúne, pela primeira vez no Brasil, um conjunto significativo de esculturas, serigrafias, maquetes e fotografias, traçando o percurso estético da artista desde o início de seu trabalho, no Brasil, no final dos anos 1940, até 2001, ocasião de sua morte na Europa. (WOOZ, 2005)

A Arte Concreta<sup>8</sup> no Brasil teve sua trajetória marcada pela mostra retrospectiva do suíço Max Bill no Museu de Arte Moderna de São Paulo e

---

A artista é reconhecida pela crítica internacional como uma das principais representantes da arte cinética. Em 1966, recebeu o "Prêmio Internacional Marinetti para Pesquisas Plásticas de Expressão Cinevisual", [...]. Muitas de suas obras estão instaladas em locais públicos no Brasil, como na Praça Rio Branco, em Belo Horizonte; Parque Ibirapuera, em São Paulo; e Ministério das Relações Exteriores, em Brasília; e no exterior, como na Biblioteca da Universidade da Basileia (Suíça); em Monte Castello (Itália); e no Parque Seefeldquai no lago de Zurique. Além de suas esculturas, Mary Vieira desenvolveu uma série de projetos como urbanista, designer gráfica e professora da Kunstgewerbeschule na Basileia. Participou de exposições individuais e coletivas na Europa, no Brasil e nos Estados Unidos [...]. Morreu na Europa em 2001." Disponível em: <<http://www.wooz.org.br/artescbb.htm>> Acessado em 04 set. 2015.

<sup>8</sup>A arte concreta deve ser compreendida como parte do movimento abstracionista moderno, com raízes em experiências como a do grupo De Stijl [O Estilo], criado em 1917, na Holanda por Piet Mondrian (1872-1944), Theo van Doesburg (1883-1931), Gerrit Thomas Rietveld (1888-1964), entre outros. [...] Os princípios do concretismo afastam da arte qualquer conotação lírica ou simbólica. [...] Os suíços, especialmente Max Bill, Richard Paul Lohse (1902), Verena Loewensberg (1912-1986), recolocam o problema da bidimensionalidade do espaço pictórico introduzido pelo cubismo ao definir o quadro como suporte sobre o qual a realidade é reconstruída, e passível de ser apreendida de múltiplos ângulos.



Figura 4 – Max Bill, Unidade Tripartida, 1948/49.

[http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/max\\_bill/obras.htm](http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/max_bill/obras.htm)

da I Bienal de Arte de São Paulo em 1951. Com a escultura Unidade Tripartida, o artista veio a influenciar fortemente o movimento brasileiro, época em que Mary Vieira, já havia avançado bastante na abstração geométrica. Em recente pesquisa sobre a artista, Pedro Augusto Vieira Santos pondera:

Citar tais realizações, no caso de Mary Vieira, abre possibilidades para compreender sua formação e atuação anterior à aclamada exposição retrospectiva de Max Bill, em 1951, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), ou mesmo à I Bienal de Arte Moderna de São Paulo, indicadas como disparadores da pesquisa construtiva no Brasil [...] Denota-se, pois, que as pesquisas no campo da abstração geométrica já haviam sido iniciadas pela artista antes mesmo da influência de Bill no Brasil. (SANTOS, 2015, p. 40-41)

As obras de Mary Vieira têm por característica estarem em locais públicos, pois sua intenção era participação do espectador em seu trabalho. Pedro Augusto registra algumas citações da artista em sua dissertação, em uma delas Mary diz:

Uma das funções sociais da arte deriva do fato de que o espectador pode tornar-se coautor da obra. O espectador-coautor permite a função social da arte, imanentizar-se, objetivar-se. Na minha escultura, o público é convidado diretamente a participar da manifestação artística; não é um espectador passivo, mas protagonista de um espetáculo que se

---

Assim, com os concretos, a pintura se aproxima de modo cada vez mais radical da escultura, da arquitetura e dos relevos [...]. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo370/concretismo>> Acessado em: 25 de set. 2015

torna mutável, vário, novo, segundo sua vontade. (SAMPAIO apud SANTOS, s.d., p. 56)<sup>9</sup>

E para aprofundarmos um pouco mais na pesquisa em Arte/educação usaremos como pano de fundo a Praça Rio Branco em Belo Horizonte, lugar que hospeda a obra de interesse desta pesquisa - “Monovolume: liberdade em equilíbrio” de Mary Vieira.



Figura 5 – Monovolume: liberdade em equilíbrio.

Fonte: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/por-um-restauro-criterioso-1.1061381patrim%C3%B4nio-art%C3%ADstico> Acessado em 04 de set. 2015.



Figura 6 – Liberdade em equilíbrio - Mostra a escultura à época de sua construção em 1982. <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/por-um-restauro-criterioso-1.1061381patrim%C3%B4nio-art%C3%ADstico> Acessado em 04 de set. 2015.

<sup>9</sup> O autor da dissertação não identifica a data da publicação: “Mary Vieira, citada por Márcio Sampaio. “Mary Vieira: a vanguarda internacional. *Minas Gerais (Suplemento Literário)* s.d. Arquivo MAC USP.”

Segundo Malou von Muralt<sup>10</sup>, a referida escultura foi concluída em 1982, a pedido do prefeito de Belo Horizonte, Maurício Campos. Em entrevista ao jornal O Tempo a pesquisadora conta:

“O prefeito queria fazer algo em frente à rodoviária, pois antigamente toda a região da Avenida Afonso Pena era arborizada, com duplo plantio de árvores, e naquele espaço havia somente um vazio” [...] “Mary Vieira foi chamada para fazer a obra, e desenhou aquele quarto de círculo e o ergueu ali. Ela construiu um pequeno monte, onde tem hoje uma escada e uma rampa, para que a obra ficasse na mesma altura da Afonso Pena. A própria praça constitui a base da escultura” [...] “Mary desenhou listras maravilhosas no chão, que vão para quatro direções, como uma espiral. A obra é a extensão de um cubo, no miolo da estrutura, que é o que a sustenta, o que dá o equilíbrio, enquanto os vãos vazios são extensões desse cubo”. (BUZATTI, 2015)

A pesquisadora conta, ainda nessa entrevista, que além da obra ser um objeto de “resistência da arte concreta, ela representava o momento de abertura política que o Brasil vivia, daí o nome, ‘Liberdade em Equilíbrio’. [...] A ideia era possibilitar reuniões, manifestações e comícios”, diz ela. E acrescenta:

“[...] é uma obra importantíssima, a maior de Mary Vieira. Tem 22 metros e é absolutamente espetacular. Havia uma iluminação por baixo, detalhes que foram destruídos ou roubados com o tempo”. [...] “Mary Vieira tinha planejado 50 quaresmeiras em volta da praça, naquelas ilhas de concreto entre ela e o estacionamento da rodoviária. Essas árvores nunca foram plantadas.” (grifo do autor) (BUZATTI, 2015)

Portanto, tendo-se agora o cenário composto, voltemos, então, às questões a serem estudadas acerca do ensino/aprendizagem em artes visuais – uma proposta de ação pedagógica que tenha como recurso visual e educativo esta escultura de extrema relevância para a cidade de Belo Horizonte e um

---

<sup>10</sup> Malou von Muralt é estudiosa das relações culturais entre a Suíça e o Brasil, com ênfase na questão da identidade brasileira. [...] Em 2001, recebe, na Embaixada do Brasil em Berna, a Ordem do Rio Branco. A partir de 2002, estuda o movimento de arte concreta e a relação entre Max Bill e o concretismo brasileiro, tendo realizado inúmeras entrevistas com protagonistas do movimento. Em 2004, realiza consultoria e pesquisa para a exposição « Mary Vieira – o tempo do movimento » (CCBB 2005) com curadoria de Denise Mattar. Em 2005, cria em São Paulo o núcleo de pesquisa Mary Vieira, dando continuidade à pesquisa na Suíça e no Brasil. De 2006 a 2008, promove e acompanha o restauro do “intervolume: flexibeton” (1975) de Mary Vieira nos jardins do Hospital Municipal da Basileia (Bürgerspital Basel). [...]. Casa Fiat de Cultura. Disponível em: <<http://www.casafiat.com.br/?p=1661>> acessado em: 12 de set. 2015.

objeto de imenso valor histórico, artístico, político e social para aqueles que vivem e **viajam** nesse lugar.

Nossos viajantes, neste caso, foram pensados inicialmente para serem os alunos do ensino médio do Colégio Estadual Olegário Maciel, localizado nas proximidades da Praça Rio Branco e da escultura de Mary. Fatalmente, a praça é rota cotidiana dos alunos e nada mais oportuno para a aplicação desta proposta, pensada para se desenvolver da seguinte maneira: Sem estudos prévios acerca da escultura, os alunos serão convidados e orientados a fazerem uma visita à Praça Rio Branco para reconhecimento da área: deverão fotografar, realizar desenhos livres de observação, fazer anotações e conversar com as pessoas ali presentes.

Voltando à sala de aula, receberão um questionário com 03 (três) perguntas:

- I. Nas suas idas e vindas para a Escola, você havia percebido a escultura?
- II. De que maneira você a percebe? Quais sensações ela desperta em você?
- III. Você acha que esta escultura é importante para a cidade e para você? Por quê?

A partir daí, serão iniciadas as pesquisas partindo de eixos temáticos, sendo o primeiro: **escultura/autor/estilo** - alunos pesquisarão sobre a escultura – o contexto histórico, artístico, político e social; o percurso pessoal e profissional da artista.

Segundo: **imagem/leitura/produção**<sup>11</sup> – serão elaborados estudos acerca da imagem, seus usos nas diversas mídias e o estudo/leitura da escultura/imagem – seu nome, materialidade/espacialidade, cor, linha, proporção, textura, composição e criação/produção de um objeto artístico.

---

<sup>11</sup> Após os estudos sobre Arte Concreta, os alunos produzirão uma escultura em papelão, abordando os conceitos deste estilo.

Como conclusão desta etapa os alunos produzirão suas próprias esculturas, inspiradas nos princípios da arte concreta e/ou na obra referênciada, dando início ao terceiro eixo que seria:

**Paisagem/fluxo/intervenção** – uma análise da imagem inserida naquela paisagem (praça-monumento) e seus fluxos. Neste ponto, após os estudos, os alunos retornarão à obra e uma nova coleta de informações serão feitas – novos desenhos de observação, outros registros fotográficos e novas conversas com os passantes do local. Com isto será possível averiguar se realmente o olhar deles se modificou e como se deu este processo do *tornar visível*.

Em seguida, os alunos farão uma intervenção artística<sup>12</sup> na praça, criando uma espécie de abraço na obra de Mary Vieira com suas próprias esculturas, momento em que serão registrados, mais uma vez o processo, desta vez incluindo as fotografias e desenhos do professor.

Estes eixos serão norteados pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Em entrevista ao Globo Educação<sup>13</sup>, ela esclarece:

Metodologia é feita pelo professor e de propostas a escola já está cheia. O que pensei foi em algo que pudesse ser construído coletivamente. A abordagem é muito flexível, pode ser feita de várias maneiras. Contextualizar é importante porque situa a obra no tempo, e o aluno entende melhor a época na qual ela foi criada. Arte não vem só de dentro, nós assimilamos o que vemos e, a partir daí, somos influenciados na maneira de expressar o mundo - esse é o momento da apreciação artística. E o fazer artístico é a hora da criação, que não tem a ver com cópia.

---

<sup>12</sup> A noção de intervenção é empregada, no campo das artes, com múltiplos sentidos, não havendo uma única definição para o termo. [...] Como prática artística no espaço urbano, a intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial. [...] O termo intervenção é também usado para qualificar o procedimento de promover interferências em imagens, fotografias, objetos ou obras de arte preexistentes [...] No contexto brasileiro, alguns trabalhos de artistas como Flávio de Carvalho (1899-1973), Hélio Oiticica (1937-1980), Lygia Clark (1920-1988), Cildo Meireles (1948), Artur Barrio (1945), Paulo Bruscky (1949), grupo 3nós3, Dante Velloni (1954), podem ser considerados precursores das intervenções. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao> > Acessado em: 21 de outubro 2015.

<sup>13</sup> Disponível em: < <http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/06/abordagem-triangular-25-anos-de-contribuicao-para-o-ensino-da-arte.html> > Acessado em: 31 de ago. 2015.

O ensino que privilegia a repetição e a cópia acaba sendo esquecido. Cabe ao professor interferir a favor do aluno, para estimular a criatividade. (BARBOSA, 2012)

O produto desta reflexão é a revelação do olhar a partir da análise crítica de todo processo - da escultura, das visitas à obra, dos desenhos, dos registros fotográficos e das entrevistas, sendo a finalização do trabalho, a criação e produção de pequenas esculturas construídas sob os preceitos da Arte Concreta, podendo ser inspirada, ou não, na obra de Mary Vieira. Importante considerar que o processo do fazer seja tão relevante quanto o produto final. O material básico utilizado será o papelão e/ou sucatas<sup>14</sup>.

Após a intervenção criativa, os alunos retomarão o primeiro questionário e a ele acrescentarão mais quatro questões<sup>15</sup>:

- I. Em que estas experiências com a escultura me desafiaram?
- II. A partir do conhecimento em escultura, como posso criar um novo uso para minhas próprias imagens?
- III. Como posso expandir estas reflexões para minha vida pessoal, como estudante e como cidadão?

As questões encerrarão o processo como reflexão e avaliação, sendo que seus desdobramentos serão abordados no capítulo a seguir.

---

<sup>14</sup> Encontrado em grandes proporções na paisagem urbana e de uso contemporâneo, possibilita uma reflexão sobre consumo e descartabilidade.

<sup>15</sup> Estas questões foram adaptadas da aula/fechamento de disciplina do Professor Henrique Teixeira, Fotografia e Tecnologias Contemporâneas, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – CEEAV – 2014 que trazem na íntegra: Em que estas experiências com a fotografia me desafiaram? Quais são as imagens que interferem em meu viver? A partir do conhecimento em fotografia, como posso ressignificar imagens? Como posso expandir estas reflexões para minha prática como praticante fotográfico? Disponível em: <<https://virtual.ufmg.br/20142/course/view.php?id=2108>> Acessado em: 27 de out. 2015.

### 3.1 – Algumas Reflexões

Minhas obras são para praças públicas, convivendo lado a lado com quem pode participar, estudar, sobre a própria obra, são para lugares abertos a todos, lugares que não seriam museus. (VIEIRA, apud SANTOS, 2015, p. 56-57)<sup>16</sup> Mary Vieira, artista visionária, esculpiu há 33 anos o seu “Monovolume: liberdade em equilíbrio”, obra que traduz mais do que nunca um caráter contemporâneo. Aceito o convite da artista, tomamos sua escultura como objeto desta pesquisa, buscando nela recursos educativos para o ensino de artes visuais.

A obra “*Monovolume: liberdade em equilíbrio*” – ilustra perfeitamente o momento em que vive a sociedade brasileira e o mundo de uma forma geral, pois exemplifica uma demanda social, política e educacional de ordenar o caos, porém, sem impor limites. Protagonista desta pesquisa, o adolescente, em busca de referenciais nesta fase da vida, vivencia, neste contexto, grandes contradições. Se por um lado, passa por conflitos existenciais, por outro, experiencia uma aparente liberdade, onde tudo é permitido e ao alcance, num simples clique<sup>17</sup>. Para Zigmunt Bauman, vivemos uma modernidade líquida:

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora. E dado que inclusive as coisas mais desejadas envelhecem rapidamente, não é de espantar se elas logo perdem o brilho e se transformam, em pouco tempo, de distintivo de honra em marca de vergonha.<sup>18</sup> (2009)

<sup>16</sup> Mary Vieira citada por José Maurício. “Mary Vieira: uma arte de pura participação.” *Estado de Minas*, MG, 11 ago. 1976. Arquivo MAC USP. (SANTOS, 2015, p. 56)

<sup>17</sup> Clicar – Conjugar (inglês to click) verbo transitivo [...] [Informática] Escolher uma opção ou desencadear uma ação através de um botão ou de uma tecla real ou virtual. [...] “clique”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/clique> [consultado em 01-11-2015]. Acessado em: 01 nov. 2015, 21:45.

<sup>18</sup> Zygmunt Bauman: *entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida*. Cadernos de Pesquisa, vol. 39 n. 137. São Paulo Mai-ago. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742009000200016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000200016)> Acessado em: 30 09 2015, 8:45.

Ainda, segundo Bauman (2009):

[...] o consumismo de hoje não visa ao acúmulo de coisas, mas a sua máxima utilização. Por qual motivo, então, "a bagagem de conhecimentos" construída nos bancos da escola, na universidade, deveria ser excluída dessa lei universal? [...] Em consequência, a ideia de que a pedagogia também possa ser um "produto" destinado à apropriação e à conservação, é uma ideia desagradável e contrária à pedagogia institucionalizada. Este é o primeiro desafio que a pedagogia deve enfrentar, ou seja, um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação [...] para os jovens de hoje, os compromissos tendem a ser evitados, a menos que venham acompanhados de uma cláusula de "até nova ordem. [...]" (grifos do autor).

Pensando na “natureza excêntrica e essencialmente imprevisível das mudanças contemporâneas,” (Idem, 2009) tomamos como desafio propor esta ação pedagógica que possibilitará ao jovem experienciar, fora do ambiente escolar (institucionalizado), uma atividade artística contextualizada em seu cotidiano e que agregue uma análise crítica sobre a escultura de Mary, instalada na Praça Rio Branco (Praça da Rodoviária). Além disso, proporcionar uma reflexão acerca de conceitos contemporâneos como consumo, descartabilidade, mídia, redes sociais, dentre outros.

Tomada a escultura como uma **imagem**, ao final deste processo, espera-se obter respostas e probabilidades, a saber: como pode se inserir a questão da imagem no olhar contemporâneo dos adolescentes? A abordagem sobre a escultura de Mary Vieira, usada como recurso educativo, permitiu o diálogo imagem/arte-educador/aluno/paisagem? A proposta de ensino de arte, realmente, possibilitou uma educação do olhar? Ao ver a paisagem e ler o objeto, o que mais tornou-se visível para os envolvidos no processo? Quais significados ou ressignificados da imagem foram possíveis identificar? Proporcionou uma visão crítica acerca do uso das imagens contemporâneas?

Separados em eixos temáticos, como citado no capítulo anterior, a pesquisa poderá alcançar os seguintes desdobramentos e resultados:

Ao estudar *escultura/autor/estilo* – o aluno vivenciará o processo de **contextualização**, segundo a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa – deverá ter acesso ao processo de construção da escultura, como a técnica utilizada, materialidade, espacialidade. Dar-se conta da trajetória pessoal e profissional da artista, situando-a no panorama histórico e artístico, dentro e fora do Brasil, cabendo-lhe dominar, de forma satisfatória, o estilo da obra no contexto do Movimento Concreto e Neoconcreto brasileiro e internacional. Além disso, ter clareza da importância da referida escultura no âmbito político e social, podendo referendar-se à fala de Malou von Muralt, pesquisadora da obra Mary Vieira:

Além de ser uma obra de resistência da arte concreta, ela representava o momento de abertura política que o Brasil vivia, daí o nome, 'Liberdade em Equilíbrio'. Portanto, ela planejou uma praça seca, vazia, não uma praça-jardim, com coreto e árvores. A ideia era possibilitar reuniões, manifestações e comícios”, pontua a pesquisadora. “Mas as pessoas têm dificuldade em entender que o vazio também tem a sua beleza. E aí começaram as deturpações”. (MURALT apud BUZATTI, 2015)<sup>19</sup>

Ao serem analisados os itens *imagem/leitura*, o aluno será capaz de distinguir os tipos de imagem que estão presentes em seu cotidiano. Ao fazer a leitura destas imagens, estará apto à **fruição** e à **interpretação**, outro elemento de análise da Abordagem de Ana Mae; para ela a “[...] ideia de leitura da imagem é construir uma metalinguagem<sup>20</sup> da imagem.” (2010, p. 20). Ou seja, não é somente conhecer seus códigos visuais, mas perceber sua própria imagem refletida no objeto e em seu entorno. Neste

<sup>19</sup> Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/divers%c3%a3o/magazine/por-um-restauro-criterioso-1.1061381patrim%C3%B4nio%20art%C3%ADstico>> Acessado em 04/09/15,15:40.

<sup>20</sup> Metalinguagem. O prefixo grego meta, significando "além", "após", "acima de", e também "sobre", é utilizado na formação de vários termos que designam a passagem para um nível mais elevado ou mais abstrato de análise, ou ainda uma investigação acerca de algo. Isto seria representado, em um sentido genérico, pelos termos "metateórico" e "metateoria", isto é. "a teoria das teorias", ou seja, a análise do estatuto teórico de uma teoria específica. A metalinguagem, por sua vez, seria precisamente uma linguagem utilizada para se falar de outra linguagem — a chamada "linguagem objeto" — ou para analisá-la. O discurso teórico ou científico sobre a linguagem seria assim tipicamente um discurso metalingüístico, na medida em que nele a linguagem é usada não para falar das coisas, mas para falar de si própria. Em um sentido análogo, temos os termos "metamatemática" e "metalógica", que significam um estudo das propriedades teóricas da própria matemática e da própria lógica, respectivamente. Disponível em: <[http://dutracarlito.com/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)> Acessado em: 02 nov. 2015, 08:46

momento, o aluno poderá observar, comparar e constatar (sentir na pele) a experiência de interferir criativamente e criticamente na cidade, aguçando sua percepção dos vários **fluxos** envolvidos na **paisagem** urbana.

Mais à frente (p. 36) Ana Mae informa que “[...] há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através de imagens e 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente [...]”.

Dando sequência aos eixos propostos, o aluno partirá, então para a terceira fase da Abordagem Triangular – a **produção**. Após serem entendidos os usos da imagem, sua gramática visual e suas interações pessoais, o aluno deverá experimentar o **fazer artístico**, sendo capaz criar seu próprio referencial imagético e aplicá-lo de forma crítica e consciente no seu objeto de arte.

Neste ponto, é importante para o aluno, retomar ao desenho do mapa mental, elaborado após a primeira visita à Praça e perceber também a localização estratégica da escultura de Mary Vieira: entre a rodoviária e o início da Avenida Afonso Pena. Esta reflexão trará à luz a teoria de Nelson Brissac Peixoto sobre o olhar do viajante:

É por isso que o estrangeiro, incapaz de reconhecer o que essas estátuas significam, pode ter acesso ao rosto interior das cidades, não estampado nos mapas nem esculpido nos monumentos. Sensível aos acenos sutis – luzes, nomes, barulhos – que as cidades fazem para nós, ele pode desvendar os seus segredos, o seu mistério [...] o viajante – aquele que persegue, como se estivesse caçando borboletas, os sons dos lugares – é a figura emblemática desse paisagismo urbano. (PEIXOTO, 2004, p. 31)



Figura 7



Figura 8



Figura 9

As figuras 7, 8 e 9 trazem uma representação do **olhar do estrangeiro** – aquele que chega à Capital pela rodoviária. Ao fundo a imagem da escultura de Mary Vieira. Note-se a dificuldade em visualizar a obra pelo excesso de informação.  
Fotos do autor.

Após todo o percurso formativo, o aluno terá condições de responder, a partir de sua própria prática, à segunda parte do questionário proposto no capítulo anterior, sendo este o fechamento das etapas. Este processo tornar-se-á sua **bagagem** e lhe permitirá seguir viagem, mas desta vez, como cidadão crítico e sujeito reflexivo.

## 3.2 – Etapas da produção

### 3.2.1 – Embasamento teórico e construção de projeto

Os alunos, juntamente com o professor, farão uma pesquisa sobre a Arte Concreta no Brasil e em Belo Horizonte, seus principais expoentes e visita guiada à escultura de Mary Vieira. Estudarão também os conceitos de **intervenção artística**. Farão registros fotográficos e desenhos. Após a pesquisa construirão, individualmente, um projeto de escultura, adotando os preceitos da Arte Concreta. O professor poderá, junto com os alunos, fazer uma seleção dos melhores projetos e definir grupos de produção.

### 3.2.2 – Materialidade

Para a construção da escultura será utilizado como base, o papelão, por se tratar de um material de reaproveitamento e custo zero, chamando a atenção para a questão do consumo e descarte. Outros materiais, como lápis, tesoura, estilete, régua, fita crepe, pincéis e tinta vinílica. É de livre escolha do aluno ou do grupo, acrescentar outros materiais de reaproveitamento que venham agregar valor simbólico ou artístico ao trabalho.

### 3.2.3 – Procedimentos para construção das esculturas e exposição

As esculturas serão feitas na seguinte sequência: transferência das medidas do projeto para o papelão; estruturação, cortes, dobras, colagens e/ou pintura. O tamanho pode variar, não ultrapassando 150cm de altura por 100cm largura/diâmetro.

A intervenção artística, prática que tem como uma das vertentes o objetivo de interferir no espaço urbano, será na Praça Rio Branco, onde as

esculturas dos alunos e do professor, serão colocadas entorno da obra de Mary Vieira, simbolizando um abraço.

## Considerações Finais

O processo de pesquisa desta monografia surgiu de maneira espontânea e meio que por acaso, a partir de um texto de Nelson Brissac que estudei para prestar um concurso público na área da cultura, há mais ou menos uns seis anos. “O Olhar Estrangeiro” (1988), à época, levou-me a refletir sobre a *questão do ver* nas grandes cidades e da *invisibilidade* das coisas. Minhas experiências profissionais como arte-educadora e como auxiliar de restauro, levaram-me à possíveis conexões entre preservação do patrimônio, arquitetura e arte urbana em Belo Horizonte. Percebi que as pessoas não tinham mais tempo para olhar as fachadas neoclássicas ou sequer para os monumentos da cidade – expostos a intempéries, intervenções desrespeitosas ou mesmo destruídas.

E outras conexões vieram – o livro Paisagens Urbanas (1996) e o Projeto Arte/Cidade (1994), ambos de Nelson Brissac; Cidades Invisíveis, de Ítalo Calvino e o filme O Show de Truman (1988), que é um retrato do universo que vivemos hoje com o advento das mídias sociais, o reality show do qual todos somos protagonistas.

Porém, por uma limitação do tempo que se impôs na concretização desta pesquisa e assumindo as limitações que acarretam tal fato, mesmo assim, acredito na possibilidade da efetivação da proposta pedagógica aqui apresentada, tendo em vista um convite informal da coordenadora da Escola Estadual Olegário Maciel para aplicá-la em 2016.

Outro fato interessante que surgiu no decorrer da pesquisa foi encontrar a dissertação “Preservação e restauro das obras de Mary Vieira em espaços públicos no Brasil” (2015), de Pedro Augusto Vieira Santos - a pesquisa traz uma preocupação com a preservação da escultura da Praça Rio Branco, em vista de um projeto de construção de um Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, a ser erguido no estacionamento da Rodoviária. O projeto arquitetônico selecionado em um concurso nacional no ano passado, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB MG), no qual, segundo Pedro Augusto (p. 179-183), não cita a artista

Mary Vieira e sua obra, mas faz, simplesmente, menção à palavra “patrimônio” (grifo do autor).

Considerando que o foco inicial do projeto desta pesquisa seria uma proposta que contemplasse o ensino de artes visuais e a educação patrimonial, o achado da dissertação citada acima reforça a necessidade de retomada da ideia inicial como possível desdobramento da atual ação pedagógica, tendo em vista que a preservação do patrimônio histórico e artístico é atemporal.

É importante ainda ressaltar que a ação pedagógica aqui proposta não se restringe somente à obra de Mary Vieira, a cidade de Belo Horizonte abriga um rico patrimônio artístico que se encontra em condições idênticas de invisibilidade, tanto por seus moradores quanto pelo poder público.

Finalizando minhas reflexões, acredito que a arte/aprendizagem, ilustrada nesta proposta de ação pedagógica, além de ser sinônimo de conhecimento, possibilita a educação do olhar contemporâneo e especula a criação de novas imagens, *refletindo* sobre o papel do professor enquanto artista/pesquisador e sobre o aluno, resgatando valores culturais e de cidadania.

## REFERÊNCIAS

ARTE CONCRETA. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo370/concretismo>> Acessado em 25 set. 2015.

ARTE/CIDADE. Disponível em: <

<http://www4.pucsp.br/artecidade/indexp.htm>> acessado em 17 de out. 2014.

BARBOSA, Ana M. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1988.

\_\_\_\_\_. *Arte, Educação e Cultura*. Textos do Brasil nº 7 - Educação para um desenvolvimento humano e social no Brasil. Disponível em:

<<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>>. Acessado em 16 de jun. 2015.

BARBOSA, Ana M. Disponível em:

<<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/06/abordagem-triangular-25-anos-de-contribuicao-para-o-ensino-da-arte.html>> Acessado em: 31 de ago. 2015.

BAUMAN, Zygmunt, em: *entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida*. Cadernos de Pesquisa, vol. 39 n. 137. São Paulo Mai-ago. 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742009000200016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000200016)> Acessado em: 30 09 2015, 8:45.

BUZATTI, Lucas. Publicado em 29/06/15. Disponível em:

<<http://www.otempo.com.br/divers%c3%a3o/magazine/por-um-restauro-criterioso-1.1061381patrim%C3%B4nioart%C3%ADstico>> Acessado em 04 de set. 2015.

CASA FIAT DE CULTURA. Disponível em:

<<http://www.casafiat.com.br/?p=1661>> acessado em: 12 de set. 2015.

INTERVENÇÃO. Disponível em: <

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>> Acessado em: 21 de outubro 2015.

PEIXOTO, Nelson B. *O Olhar Estrangeiro*, em Adauto Novaes (org.), *O Olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.

MEIRA, Marly R. *Educação estética, arte e cultura do cotidiano*, em Analice Pillar Dutra (org.), *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014, p. 101-120.

\_\_\_\_\_. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 1996.

PILLAR, Analice D. (org.) *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2014.

SANTOS, P. A. **Preservação e restauro das obras de Mary Vieira em espaços públicos no Brasil**. 2015. 224 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

TEIXEIRA, Henrique. *Fotografia e Tecnologias Contemporâneas*. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, CEEAV, 2014.

The Truman Show. Direção: Peter Weir. Produção: Edward S. Feldman, Andrew Niccol, Scott Rudin e Adam Schroeder. Roteiro: Andrew Niccol. Intérprete: Jim Carrey. Estúdio: Paramount Pictures, 1998.  
1 filme (102 minutos min), son., color., 35mm.

WOZZ ARTE E CULTURA. Disponível em: <  
<http://www.wooz.org.br/artescbb.htm>> Acessado em 04 set. 2015.